

Edgar Allan Poe:

Um Peculiar Confin entre o Humano e o Abstrato.

*Rafael A. C. Oliveira e
José George Silva*

O que envolve essencialmente a esfera psicológica de Allan Poe? Quais as finalidades propostas na elaboração das personagens que constituem o universo grotesco e sombrio de suas histórias?

Decerto, tais perguntas pairam no leitor, juntamente com o terror e o suspense que são deixados no decorrer e no desfecho das leituras. Poe consegue ser mais que eficiente, suas narrativas vêm dotadas de verdadeiras doses grotescas capazes de proporcionar inimagináveis ações, apoiando-se fielmente em atitudes psicológicas, como fica claro em *Os Crimes da Rua Morgue*, seu conto mais apreciado, assim também envolto do espírito perverso e miserável entre um homem e um gato preto.

A mortalha sóbria, aparente de faces pálidas em ambientes exploradores do íntimo desconhecido, sacramenta o universo das personagens de suas histórias. Contudo é no já citado *Os Crimes da Rua Morgue* que se encontra a personagem mais concreta senão a mais importante, no aspecto extraordinário de *Monsieur C.* Auguste Dupin, um desiderata pela ressurreição de sua autonomia através dos livros, um típico investigador coerente – sem contar que segundo a narrativa Dupin “era estar apaixonado pela noite” ou “A negra divindade nem sempre se achava em nossa companhia, mas podíamos fingir que ela estava presente”(pág. 116), típicas noções da presença simbolista em escritores franceses e por outrora brasileiros – do qual a sua capacidade argumentativa, racional e lógica destacaram-no como, ora pois, a maior representação do intelecto parisiense do século XIX, como o narrador alter ego cita, “Nessas ocasiões, não podia deixar de observar (...) uma peculiar capacidade analítica em Dupin”(pág.116). E um pouco antes, ainda quando associa tal característica de forma explícita, “O poder analítico não deveria ser confundido

com uma simples habilidade, pois enquanto o analista é, necessariamente, engenhoso, o homem engenhoso é, não raro, notavelmente incapaz de análise”(pág. 114). Tanto é, que a elaboração e constituição de sua pessoa fez com que o próprio autor o trouxesse à tona nas narrativas surpreendentes de *O Mistério de Marie Rogêt*, baseada numa história verídica do crime da nova-iorquina Mary Rogers, no entanto, Poe dá enlaces de discussões que o levaram a transformar o fato numa “crônica francesa” assim como a revelação do seu verdadeiro assassinio. Da mesma forma que em *A Carta Roubada*, terceira narrativa sobre a personagem, a eficácia do raciocínio seja imune a possíveis intervenções dos fatos, a respeito do que é ou não oculto podendo ser até mesmo (in) destrutível, ofuscando que o valor real das coisas é temível, embora negável.

É válido esclarecer que para muitos leitores há inúmeros Dupins na literatura, ou seja, como alguns preferem associar o francês ao renomado Sherlock Holmes. Sem dúvida, há traços que similarizam as grandiosas criações de Poe e Doyle, nas mais diversas formas de solucionamento de crimes consideravelmente inexplicáveis.

Contudo, Dupin corresponde ao primeiro momento de contos policiais, e que em sua íntegra, é o retrato leal de uma atmosfera comovente envolta de mistério e meticulosa astúcia como permanência vital humana.

Embora que o desdenho e a busca de incitações sobressaiam no meio particular das pessoas, é por via de ocorrências, o registro de impulsivas eloquências sobre o que se fala apenas para impor respeito a atitudes supérfluas, tal qual no que é visto em *Nunca Aposte sua Cabeça com o Diabo*, a tentativa do ser, o citado Dammit, como uma previsão do que não deve ser feito, segundo a abertura da notória por se tratar de um “conto moral”. As razões variadamente inimagináveis e doentias em que não há motivos aparentes para o descontrole, a inquietude e o nervosismo se elevam como a névoa numa rua escura de árvores assustadoramente mórbidas. Tais ascendências se registram em Egeu, primo-irmão da mulher que dá nome ao título de outra narrativa, *Berenice* e, sobretudo ao próprio alter ego do

narrador em *O Gato Preto*. Neste último, a vez dá atenção primeiramente a “Pluto – assim se chamava o gato – era o meu preferido, com o qual eu mais me distraía”(pág.42). O que é importante notar que em meio a tantos gracejos e docilidades, o dono tinha mil apegos ao animal e que em decorrer dos anos, o homem começara a tornar-se objeto de uma modificação um tanto que irreversível dotada de extrema perversidade, sendo criada de forma impulsiva através do poderio do álcool.

“Uma fúria demoníaca apoderou-se, instantaneamente, de mim. Já não sabia mais o que estava fazendo.(...) Tirei do bolso um canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pela garganta e, friamente, arranquei de sua órbita um dos olhos!”(pág.43). Essa faculdade psicológica fez do alter ego uma personagem representativa da verossimilhança, o que os leitores dizem ter sido o próprio Allan Poe. Desde o crime do gato ao desastre do posterior, tudo leva a crer uma atitude normal de uma pessoa problemática, cuja mentalidade é demasiadamente perturbada, afim do inesperado e oculto . Pois, segundo sua biografia, Poe era um desvairado bebedor de uma infância órfã e difícil. O que mais intriga não é a morte da mulher da mesma forma que a de Pluto, muito menos o emparedamento dela e a do segundo gato, mas sim a construção neurótica da personagem-narrador, nas linhas, “Nessa altura, movido por pura e frenética fanfarronada, bati com força, com a bengala que tinha na mão, justamente na parte da parede atrás da qual se achava o corpo da esposa de meu coração”(pág.51).

No outro conto, *Berenice*, faz-se uma complementação das atitudes. À ela, as características são compassivas, porém é estruturada como uma “anti-romântica”, sem denominações reveladoras de paixões, ou até mesmo esforços arredios, é simplesmente personalizada pelo primo, metonimicamente por seus dentes, os quais ao homem desvendam sensações horrendas e malditas, um simples objeto do pavor; como se segue: “Vejo-os, agora, ainda mais inequivocamente do que os havia contemplado antes. Os dentes!...Os dentes!...Ali estavam, ali em toda a parte, visíveis e palpáveis à minha frente”(pág.61).

A complementação de tais afirmações entrelaçam diversas modalidades de escrita, o que para cada personagem surte um efeito impressionante cheio de qualidades. Em Dupin, Poe assegura sua capacidade lógica das coisas, que nem mesmo o próprio, em suas narrativas como uma personagem intradieética conseguem superá-lo. Já as eventuais atitudes entre Dammit, Egeu e alter ego executam uma caracterização sumamente essencial sobre *O que é Poe*, partindo de suas elaborações confusas, que por meio de acentuada narrativa objetivam com êxito o patamar do *inconsciente*, deixando como desfecho o pensamento e a ambigüidade congênita de terror, ocasionando o que foi para ele em vida e para as personagens, os *extraordinários* destinos atrozés.

POE, Edgar Allan. *Histórias Extraordinárias*: tradução de Brenno Silveira e outros. São Paulo – SP: Abril Cultural, 1981.